

GALERIA THEATRAL.

JORNAL CRITICO-LITTERARIO.

Publica-se aos Domingos, e Quartas feiras. — As assignaturas fazem-se unicamente na typographia da travessa das Mercês n.º 11.

Assigna-se por anno: 1:000 rs. — Por semestre: 600 — Por trimestre: 300 = Avulso 20 rs.

GALERIA.

THEATRO DE D. MARIA II.

A CRUZ DE S. LUIZ, OU UM JURAMENTO DE HONRA.

A acção começa no acampamento do exercito francez. Alguns officiaes do mesmo regimento, e entre elles o coronel, conversam e jogam com o fornecedor. Todos os officiaes são nobres, todos titulares. Pouco depois chega o duque de Forville, que é capitão, e vem informar-se se nas propostas feitas ao rei para a distribuição de condecorações, foi incluído o seu amigo, o tenente Daguinot, official aventureiro, mas valente, e que em um combate houvera salvado a vida do duque. O coronel assevera ter sido Daguinot incluído na ultima proposta que fizera.

Pouco depois entra o tenente Daguinot, cumprimenta os seus camaradas, e depois de ter puchado as orelhas ao fornecedor, porque não lhe dá nem pão alvo, nem bom vinho, chega-se para a mesa e diz querer jogar. Todos os officiaes se retiram e nenhum quer jogar com elle. Daguinot julga-se offendido, desafia-os a todos, porém nenhum aceita sob pretexto de que não podem bater-se com elle, porque não é nobre.

Depois da sahida dos officiaes, o duque fica em companhia do seu amigo, a quem dá a satisfactoria noticia de que fôra proposto para ser condecorado com a cruz de S. Luiz. Conversavam ainda, quando o coronel veio com os despachos que recebera de Versalhes. Começa a fazer a distribuição das condecorações, e com grande pasmo de Daguinot não vem condecoração alguma para elle. Julga-se enganado, dirige-se ao duque, que muito afflicto por não ter recebido noticias da duqueza, como esperava, e de quem estava com muito cuidado, não presta attenção, e finalmente muito instado por Daguinot, com quem tem uma forte altercação, dá-lhe uma bofetada. Esta affronta não po-

dia deixar de exarcebar o genio fogoso de Daguinot, que desafia immeditamente o duque. Neste momento chega a duqueza, que viera de Pariz visitar seu marido ao acampamento, nas margens do Bidassoa. Ella é a portadora do diploma e da cruz para Daguinot, e é ella mesma quem lh'a põe no peito. O duque pede á duqueza que entre no seu pavilhão. Na presença dos seus camaradas o duque aceita o desafio, escolhe padrinho, o que igualmente faz Daguinot, que já encontra padrinho, porque é cavalleiro, e que parte desde logo para o logar do duello.

Nesse dia havia ordem a um signal dado, para tomar um reducto, e Daguinot era o official encarregado de commandar a força da vanguarda que devia dar o ataque.

O duque, que se demorara no acampamento, ouve o signal, e receando que Daguinot o não ouça, corre a tomar o logar do amigo, é ferido mortalmente, e vem acabar ao acampamento, na presença dos officiaes, e da duqueza. Neste momento chega Daguinot, que accusa o duque de não ter apparecido no lugar do duello. Um official lh'o mostra moribundo; e lhe diz que o duque para salvar-lhe a honra, fôra encontrar a morte, tomando o commando da força com que elle Daguinot devêra atacar o inimigo.

Na presença de todos, e da duqueza, Daguinot arranca a cruz do peito, e jura não tornar a usar della em quanto um duque de Forville lhe não der satisfação da affronta que recebeu. Assim acaba o primeiro acto.

O segundo passa-se dezoito annos depois em casa da duqueza. Esta, pouco depois da morte do duque, tivêra um filho, a quem poz o nome de Guilherme. Temendo, com tudo, a vingança de Danguinot, educou seu filho fazendo-lhe crer que era mulher. O fornecedor que vimos no primeiro acto já neste tempo era barão e estava muito rico, e tinha justo o casamento com uma sobrinha da duqueza, mas não conhecia a noiva. O filho da duqueza, (com o nome de Guilhermina) festeja muito a chegada de sua prima. Todas as vocações de Guilhermina são varonis, tudo denota que de balde a educação pertendeu obrigar a natureza.

Quando o barão entra encontra as duas meninas, e sem saber qual dellas é a sua noiva, dirige-se a Guilhermina, que sustenta o engano por algum tempo, mas que finalmente o desengana. A testemunha que o barão traz em sua companhia é Dagui-not já a esse tempo capitão. Com grande assombro seu sabe que está em casa da duqueza de Forbille. Por occasião de ficar só na sala, apparece Guilhermina, que falla com elle em combates e em batalhas, e joga com elle o florete. Dagui-not, immensamente admirado de encontrar tal vocação em uma menina, tem o presentimento do segredo, e pretende descortinal-o.

Guilhermina anciosa pela sua liberdade, pede a Luiza, sua prima, que a deixe casar em seu logar com o barão. Luiza que aborrece o noivo, accêta gostosa uma tal proposição, e Guilhermina vai casar na capella em logar de sua prima. O casamento é de noute, e a duqueza, em consequencia de ter de partir immediatamente para Versalhes não pôde assistir a elle. Este acto acaba no momento em que Camilla, antiga criada da duqueza, e sabedora do segredo, vem no conhecimento da troca que tinham feito as duas meninas.

Falta ainda um acto que analysaremos no numero seguinte, bem como o desempenho dos actores.

No Sabbado 26 do corrente é o primeiro beneficio da sr.^a Soller.

Não julgamos necessario fazer recommendações; dizemos sómente o nome desta insigne actriz, e avisamos o publico, que em todas as occasiões tem sabido avaliar o seu merecimento.

A s.^a Soller é artista de merito incontestavel e pouco vulgar, é um talento sobejamente provado, e que faz a honra á scena portugueza.

No *Templo de Salomão*, que escolheu para o seu beneficio, creou a sr.^a Soller o seu papel, como já o houvera feito na *Condessa de Senecey* e no *Casal das Giestas*.

Esperamos que na noute de Sabbado terá a sr.^a Soller um novo triumpho.

THEATRO DE D. FERNANDO.

Recommendamos o beneficio que amanhã quinta feira 24, hade ter logar, no theatro de D. Fernando. O seu producto hade reverter em favor das irmãs da Charidade.

A obra meritoria para que é destinado, é per si mesmo, a melhor e mais proficua recommendação. E' bem que o publico prove nesta occasião que sabe comprehender e avaliar a dedicação daquelles entes que empregam as horas da sua existencia em socorrer a humanidade enferma, prodigalizando com extremoso carinho os cuidados e disvellos que sempre reclama quem se acha prostrado no leito da dôr.

Estamos portanto certos que o beneficio hade ser concorrido. Até já sabemos o nome de muitas

pessoas distinctas que tomaram camarotes, marcando-se a todos um preço geral.

O espectáculo que nesta noute se representa, tem sido applaudido; e consta-nos que a sr.^a Emilia das Neves hade n'um dos intervallos recitar uma poesia, expressamente escripta para esta noute pelo sr. Mendes Leal.

THEATRO DO GYMNASIO.

São dignos de todo o elogio os esforços que a direcção deste theatro emprega para agradar ao publico, e atrahir uma excellente concurrencia.

A variedade dos espectaculos é o meio mais efficaz de que tem lançado mão. E' rara a semana em que não vemos alli annunciada alguma peça nova, e é rara aquella que não é applaudida pelo publico.

Agora está em scena a que tem por titulo — *Um aguaceiro*, que não foi mal recebida. Os *Dous Garcias*, tem scenas que provocam a hillaridade do espectador. Funda-se o enredo em usarem dois individuos do mesmo appellido, e pagar um pelo outro. *E, H* — tambem merece elogios pela originalidade e empenho com que se procura um noivo cujos nomes principiem por aquellas letras.

VARIEDES

O TARTUFO

Comedia de Moliere, em cinco actos.

O *Tartufo* é a comedia que tem causado maior impressão no mundo, e a que tem soffrido maiores perseguições. Moliere tinha feito apparecer na scena muitos personagens do seu tempo, mas nunca se abalançou a levar ao theatro individuos tão poderosos, como no *Tartufo*. Os marquezes, as beatas, e os medicos soffreram com resignação o ser expostos á irrisão publica: mas os hypocritas não se accommodaram, e estranharam muito que Moliere tivesse a audacia de desmascarar as suas intrigas, prejudicando por este modo um officio, de que tanta *gente de bem* tirava uma pingue subsistencia. Nunca poderam esquecer este attentado, e colligaram-se contra a comedia, declarando-lhe guerra de morte. Não podiam ataca-la senão pelo lado que mais os feria, e para o conseguir, ligaram os seus interesses com os da divindidade, e começaram a clamar que o *Tartufo* era uma peça, que offendia a piedade religiosa; cheia de abominações desde o primeiro até ao ultimo acto, merecendo por isso, que fosse toda queimada sem se lhe aproveitar uma só lettra!

Os tres primeiros actos do *Tartufo* haviam sido representados no sexto dia das festas de Ver-

sailles (12 de Maio de 1664) na presença do rei, e da rainha. O rei prohibiu logo que a comedia tornasse á scena para o publico, sem estar acabada, e sem que uma commissão de homens entendidos examinasse o seu merecimento, mas confesou que lhe não achava nada a notar. Os falsos devotos aproveitaram este ensejo para excitar toda a côrte, e todo o Paris contra comedias, e contra o seu author. Moliere não teve só por inimigos os *Tartufos* teve tambem a combater os espiritos fracos, que se deixam seduzir com facilidade. Os verdadeiros devotos tambem mostraram grande receio da peça, ainda mesmo antes de a terem visto, e de saberem o que ella era. O cura d'uma aldêa apresentou ao rei um livro, em que decidiu que a comedia fosse lançada ao fogo, e a declarou condemnada sem remedio. Os prelados depois de a lerem, julgaram a comedia com mais favor, e o rei deu uma licença vocal a Moliere para fazer representar a sua peça; mas Sua Magestade exigiu que fosse annunciada com o titulo de — *O Imperador* —, e que o comico encarregado deste papel devia tomar o nome de *Panulpho*, e que se devia vestir como um homem secular, e da moda.

Ignorou-se muito tempo onde tinha ido Moliere buscar o nome de *Tartufo*, que é mais um synonimo, que veio a ter a palavra hypocrita. Eis a tradicção que podêmos achar. Moliere encontrou em casa do nuncio de S. Santidade dois ecclesiasticos, cujo ar sombrio, e maneiras mortificadas e hypocritas lhe despertaram a idéa, que tinha, ha tempos, de fazer castigar a hypocrisia n'uma comedia. Quando nisto meditava, vieram offerecer ao nuncio um prato de *tuberas*. Um dos ecclesiasticos, que sabia alguma cousa italiano, assim que ouviu pronunciar a palavra *tuberas*, sahio de repente do seu mysterioso recolhimento, e escolhendo as melhores, exclamou com um ar muito presenteiro: *Tartufo!*, *signor Nuncio*, *tartufo!* Moliere que não lhe escapara nada, adoptou logo a idéa, de dar ao impostor da sua comedia o nome de *Tartufo!*

Luiz XIV marchara para *Lorraine* no fim do anno de 1662. Habitudo a não comer, senão á noute, quando ia uma vez a sentar-se á mesa em um dia de jejum, convidou um bispo, que tinha sido o seu mestre, para vir comer com elle. O bispo observou a Sua Magestade, que por ser dia de jejum elle não podia tomar senão uma leve collação. Esta resposta faz largar grandes gargalhadas a um dos cortesões do Rei, que perguntou logo o motivo. O cortesão respondeu, que podia Sua Magestade ficar descansado a respeito do bispo, porque elle havia sido testemunha ocular do seu jantar, e fez uma descripção exacta delle ao Rei. A cada prato exquisito que o historiador punha na mesa do bispo, exclamava Luiz XIV *pobre homem!*, mas dava de cada vez uma nova intonação á voz, de sorte, que parecia uma nova expressão, e mostrava os diversos sentimentos do monarcha. Esta scena produziu tal impressão no espirito de *Moliere*, que na sua qualidade de gentil homem acompanha-

va o Rei, que a copiou toda na comedia do *Tartufo*. O Rei assistiu á representação sem se lembrar, de que tambem elle figurava na scena. Moliere atreveu-se a lembra-lo, e Luiz XIV riu muito da sua propria obra!

Muitos criticos escreveram, que Moliere tinha roubado ao theatro italiano a idéa do seu *Tartufo*. Cita-se até um fragmento muito antigo, de que affirmam, se utilisou muito o poeta. Mas tudo isto é falso: e pelo contrario os italianos, e em particular o poeta Gigli é que se aproveitaram da comedia de Moliere; elle fez o libretto do Doutor Banchetone. O *Tartufo* é muito anterior ás farças italianas, ás quaes attribuem o roubo de Moliere, e verificou-se isto d'uma maneira positiva.

Moliere deveu a Chapelle o fazer conhecimento com a famosa Ninon de l'Enclos. Tendo este grande poeta comico lido a Ninon a comedia do *Tartufo*, ella a achou muito boa, e lhe contou uma historia analogá á do heroe da peça, mas pintou-a com tão vivas cores, ornou-a de imagens tão verdadeiras, que Moliere quando sahio de casa de Ninon, confessou com a maior ingenuidade, que se a sua peça ainda não estivesse feita, elle não se atreveria a expol-a aos olhos do publico, depois de ter ouvido a historia de Ninon de Enclos! A aventura que Ninon contou a Moliere, foi-nos tambem referida por Voltaire na vida desta celebre mulher. E' a seguinte:

« Quando Mr. Gourville teve de fugir de França em 1661 para não ser enforcado em pessoa, como o tinha sido em estatua, tinha duas caixas cheias de dinheiro, e entregou uma a Ninon, e outra a um falso devoto. Quando voltou para França achou em caza de Ninon a sua caixa em muito bom estado, pois até tinha subido o valor dos metaes, e elle quiz que ao menos o excesso do valor ficasse para a fiel depositaria, mas Ninon indignada disse-lhe, que se não levasse tudo, o que a caixa continha, ella a mandaria deitar pela janella fóra. O devoto porém portou-se d'outra maneira; e disse que tinha empregado o deposito em obras de caridade, e que tinha preferido a salvação da alma de Gourville á condemnação eterna, que elle de certo compraria se tivesse na sua mão dinheiro!»

Alguns criticos sustentam que o abbade Roquette bispo d'Autun era o original do *Tartufo!* e dizem mais que M. de Guilleragues, a que Despreaux pedio por uma carta que ajudasse a obra de Moliere, lhe fornecera uma longa memoria, contando-lhe todas as hypocrisias do abbade Roquette.

Moliere, depois de ter lido o *Misanthropo*, de *Boileau* lhe disse «Haveis de ver uma outra cousa» Era quando elle corregia o seu *Tartufo*, o que prova que dava todo o merecimento a esta peça.

Estava tudo prompto na sala para se representar pela segunda vez o *Tartufo*, quando chegou a prohibição do parlamento. Moliere appareceu, e disse á assemblea «Meus srs. contava ter hoje a honra de pôr em scena o *Tartufo*, mas o primeiro presidente não quiz que o pozesse em scena!»

(Continuar-se-ha).

THEATRO ESTRANGEIRO.

No Theatro Hespanhol se está ensaiando, e ha de representar-se no dia 21; o drama *Isabel a Catholica*.

No Theatro do Palacio deve pôr-se em scena, talvez que ainda neste mez, a opera *La Etraniera*. Os trajas são magníficos, e vieram expressamente de Paris.

Chegaram já a Madrid os artistas que se esperavam para a abertura do theatro da opera. São os seguintes:

Mestre director da opera, de scena, e da orchestra, o sr. Temistocles Solera; mestre concertista o sr. Guilherme Espin e Guillen; mestre de choros, o sr. Antonio Palau; primas donas absolutas, a sr.^a Theresa Rusmini de Solera; a sr.^a Vitalia Hogé Brandini; primeiros tenores absolutos, o sr. José Alzamura, e João Solieri; primeiro contralto absoluto, a sr.^a Cleopatra Guerrini; outra primeira dona e contralto, a sr.^a Manuela Scanavino, primeiro baritono absoluto, o sr. José Mancusi; primeiro baixo profundo, e comico absoluto, o sr. Luis Siligardi; segunda dona, a sr.^a Theresa Matamala, tenor comprimario, o sr. Antonio Mata; segundo tenor, o sr. Pedro Perez; baixo comprimario, o sr. Leopoldo Lopes; segundo baixo, o sr. Aguillon.

A orchestra é composta de 30 professores.

Na companhia do baile é compositor e director, o sr. Antonio Apiani — mestre director da orchestra, o sr. Hippolyto Gondois — primeira bailarina, a sr.^a Isabel Robert, e Maria Edo — primeiro bailarino o sr. Luis Dor — segunda bailarina Joanna Villeti — primeiros mimicos, a sr.^a Pepina Clerici; o sr. Ignacio Bagá; — segundos, a sr.^a Thomasa Monjardin; o sr. Antonio Monet, e o sr. Thomaz Betegon.

O corpo de baile é composto de 26 senhoras e 14 homens.

Lê-se nel *Pais*, o seguinte:
«Hontem á noute, e antes de hontem, obtve a Nena, um desses triumphos a que já está tão costumada. O publico aplaudiu-a com enthusiasmo, e com frenesim: obrigou-a com estrepitosas acclamações a repetir os bailes, e chamou-a tres vezes ao proscenio depois de cahido já o panno de bocca. A sua destreza, a sua graça inimitavel, e a perfeição com que executa até os mais leves movimentos, justificam a predilecção e os aplausos do publico á celebre bailarina; predilecção e aplausos que não são mais de que um merecido tributo aos seus esforços, merito, e boa vontade de comprazer.

O Theatro da Cruz, vae dar bailes de mascarás nesta estação do Carnaval.

Inaugurou-se o novo theatro dos Basílios com uma função escolhida, intitulada os *Amigos intimos*, e o drama *Um artista*. Ambas as composições foram desempenhadas pelos individuos da secção dramatica da sociedade do Museu.

ANNUNCIOS.

MASSA CHRYSOLITHO CALIFORNIO E ELIXIR CALIFORNIO.

A maior parte dos dentrificos, empregados desde muito tempo, têm por base substancias mais ou menos ácidas, que só embranquecem os dentes alterando o seu esmalte. Daqui vem a opinião geralmente espalhada — «os pós e os opiatos dentrificos damnificam os dentes, em lugar de os conservar.»

Para substituir a estas preparações dos dentrificos elaborados, segundo a sciencia, muitos chemicos distinctos se têm dado a immensos trabalhos para conhecer a acção chimica produzida sobre os dentes pelas diferentes substancias, que se podem empregar para sua conservação. As investigações os têm levado a compôr o *Elixir e a Massa Chrysolito Californio*.

Mr. Baron, cabelleireiro, ao Chiado, depositario desta preciosa descoberta, tem feito conhecer as propriedades ao publico, com o modo de o applicar, ajuntando aos frascos uma pequena memoria instructiva. Limitamo-nos a dizer, que o Elixir conserva e fortifica as gengives, impede que os dentes se abalem, tira o máu halito, mesmo o cheiro do fumo do charuto ou cigarro. A massa, de uma consistencia um pouco rijá, tem um cheiro e sabor agradaveis, junta á propriedade de embranquecer os dentes a de conservar e endurecer o esmalte; assim como tambem a de evitar que apodreçam.

Preço de cada frasco 240 réis. — deposito em casa de Mr. Baron, ao Chiado n.º 40, 1.º andar, e no Porto em casa de Mr. Leopodo, cabelleireiro — rua de Santo Antonio n.º 22.

ESPECTACULOS.

THEATRO DE D. MARIA II.

Quinta feira 24 de Janeiro, a 3.^a representação do drama em 3 actos — *A Cruz de S. Luiz*, ou *um Juramento de Honra*. — A comedia original de espectáculo em 1 acto — *O Mineiro de Cascaes* — A comedia em 1 acto — *A Mulher de dois Maridos*.

Sabbado 26, em beneficio da sr. Soller, irá novamente á scena com todo o seu esplendor — *O Templo de Salomão*.

Domingo 27 — *O Templo de Salomão*.

THEATRO DO GYMNASIO.

Quinta feira 24 de Janeiro, em beneficio de Maria Magdalena — *Qual dos Dous?* opera comica em 1 acto — *Um Aguaceiro* — em 1 acto. — *Os Dois Garcias* — em 1 acto. — *Como se transforma um Caloiro* — em 2 actos.